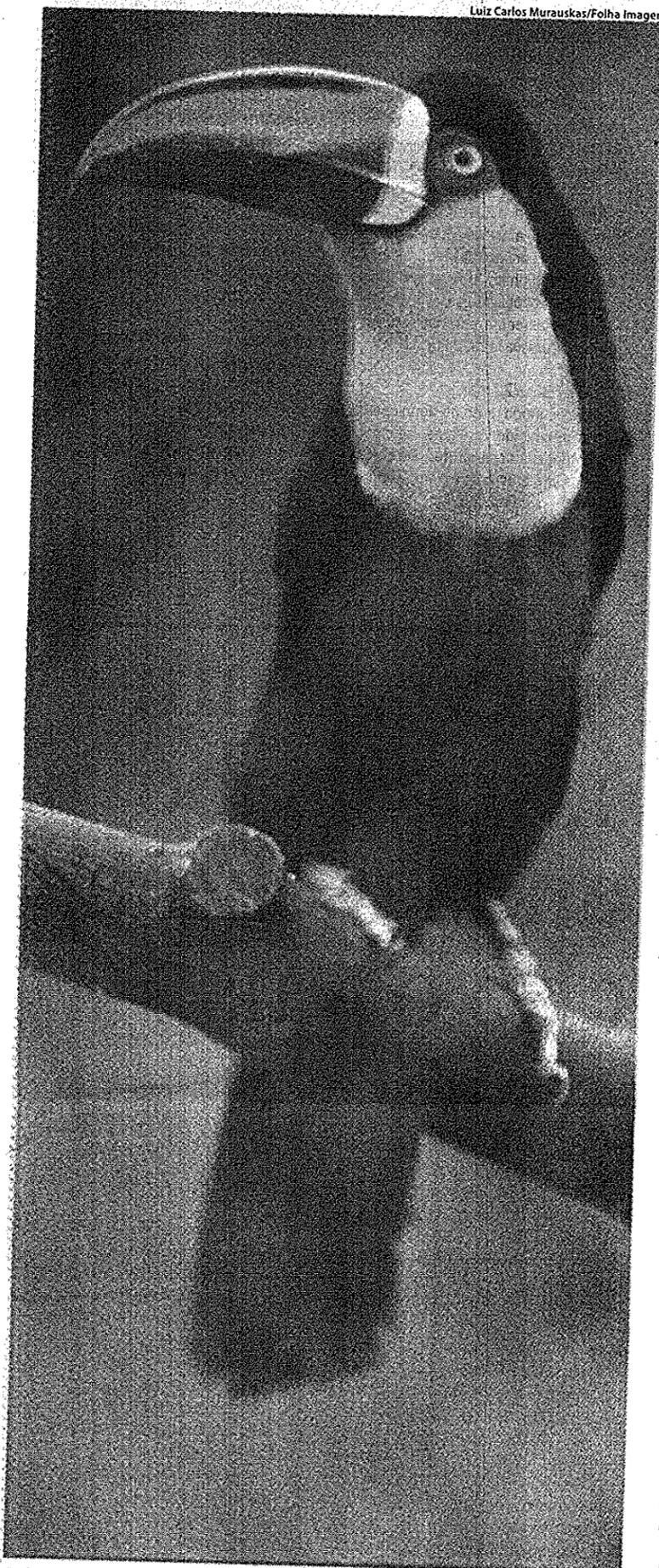


GOVERNAMENTO
 onto
 data 3/3/96 5-15
 class.

CIÊNCIA

O desaparecimento das aves

Luiz Carlos Murauskas/Folha Imagem



Subespécie de tucano-de-bico-preto, que só existe na Mata Atlântica

Estudo prevê fim de 41% das espécies exclusivas da Mata Atlântica

VANESSA DE SÁ
 da Reportagem Local

Oitenta e oito das 214 espécies de aves exclusivas da Mata Atlântica brasileira poderão desaparecer nos próximos anos.

Catástrofe ecológica? Não para uma equipe anglo-americana, que publicou este mês a previsão na revista britânica "Nature".

"Estudamos o caso da Mata Atlântica porque a maioria dos estudos que procuram estimar as taxas de extinção como resultado da atividade humana se concentra na relação espécie-área. Procuramos mostrar que pode haver outra alternativa", disse à Folha Andrew Balmford, da Universidade de Sheffield (Reino Unido).

A idéia da relação entre a área e o número de animais de uma espécie não é nova: quanto maior a área considerada, maior o número de espécies que caberiam ali. Quanto mais destruída, mais espécies tenderiam a desaparecer.

Segundo Balmford, a maior crítica a essa idéia é que, na prática,

poucas extinções foram registradas em áreas muito destruídas, como é o caso da Mata Atlântica. Para o cientista, haveria três possíveis explicações para esse fenômeno:

1) A idéia está errada. As espécies sobrevivem, mesmo que seu habitat original se perca.

2) A idéia está certa, mas, devido ao fato de o desmatamento ter começado há séculos, muitas espécies foram extintas antes de cientistas terem registrado sua existência.

3) A idéia está certa. Se o habitat de uma espécie é destruído, ela tende a desaparecer, mas não instantaneamente. Haveria, assim, um espaço de tempo entre a destruição do habitat e a extinção da espécie.

Segundo ele, se a primeira alternativa estivesse correta, haveria muito menos registros de espécies que foram extintas ou estão ameaçadas de extinção entre aves exclusivas da Mata Atlântica.

Mas isso não é verdade, pois cientistas acreditam que quatro espécies estejam completamente extintas (mutum-do-nordeste, safra apunhalada, tietê-de-coroa, e entu-

fado-grande) e pelo menos outras 60 estejam ameaçadas de extinção no curto prazo.

A segunda alternativa também não é difícil de refutar, segundo o pesquisador. "O caso de uma espécie só registrada no século passado, o tietê-de-coroa (*Calyptura cristata*), sugere que espécies podem ter sido perdidas antes de ser registradas", disse Balmford.

Mas, diz ele, se esses casos fossem comuns, o número de espécies ameaçadas seria muito menor, porque a maioria seria extinta antes mesmo de poder ser registrada e considerada ameaçada.

Para Balmford, é a terceira alternativa que fornece a explicação mais provável para a existência de tantas espécies ameaçadas e tão poucas extintas. "Na prática, encontramos uma estreita relação entre as extinções previstas para áreas restritas da mata, bem como para a Mata Atlântica inteira, e os níveis de ameaça observados."

Entretanto o número previsto de extinções foi superior ao número já conhecido de espécies ameaçadas de extinção: 88 contra 60.

Segundo o estudo, a única explicação é a existência de um espaço de tempo entre a perda do habitat e o desaparecimento de uma espécie. "Nossas previsões podem dar apoio a iniciativas de conservação. Se isso não foi feito, perderemos muitas espécies de aves", conclui.

Estimativa pode ter sido superestimada

da Reportagem Local

"O número de espécies que podem desaparecer é menor do que o previsto", diz Carlos Peres, do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências da USP.

Segundo o pesquisador, isso não significa que medidas de proteção não devam ser tomadas, se houver intenção de salvar espécies.

Mas, para Peres, a estimativa prevista pelo estudo se baseou numa idéia "um tanto simplista" conhecida como biogeografia de ilhas.

Segundo a teoria, uma área pode ser considerada como uma ilha, uma espécie de porta semi-aberta que permite, pelo menos em tese, a entrada e a saída de animais. Quanto mais longe a ilha estiver do continente, mais difícil fica para uma espécie conquistá-la, ou sair dela.

Quando uma região é desmatada, formam-se pequenos trechos de mata chamados fragmentos. Pes-

quisadores especulam que os fragmentos podem ser considerados como ilhas.

Assim, quanto menor o tamanho da ilha, menor o número de locais (habitats) que poderiam abrigar uma espécie. Quanto maior a distância de um fragmento a outro (de uma ilha ao continente), mais difícil para uma espécie migrar de um fragmento ao outro. Conclusão: o desmatamento teria feito com que a Mata Atlântica ficasse como um arquipélago cheio de pequenas ilhas distantes entre si.

Mas, diz Peres, embora a Mata Atlântica tenha sofrido uma redução de cerca de 90% de sua área original, não pode ser considerada um bloco único, uma ilha que teria perdido parte de seus habitats e que, conseqüentemente, teria gerado a extinção de espécies.

"A Mata Atlântica pode ser considerada uma complexo de fragmentos com graus de permeabilidade

diferentes, que permitem a entrada e saída de espécies num maior ou menor grau", afirma. Em função disso, a estimativa do número de espécies em risco de extinção poderia estar superestimada.

No caso da Mata Atlântica, embora existam hoje apenas fragmentos do que foi a mata original, eles não devem ser desprezados. Segundo Peres, são extremamente importantes e podem conter um número considerável de espécies.

"É o caso da região que compreende, por exemplo, a fazenda Intermédios, o Petar, a Juréia, Jacupiranga e Carlos Botelho. Esse trecho é um bloco de vários habitats que contém cerca de 450 das 663 espécies de aves estimadas."

Segundo ele, o estudo deixou de levar em conta o padrão de fragmentação — se um trecho é, por exemplo, um bloco complexo — e também problemas locais, como a caça exagerada a uma espécie. (VS)